

● Conflito no Oriente Médio ● Diplomacia

# Erro do Irã foi grande; Israel não deve segui-lo

— Isolamento de Teerã pode impedir a repetição da aventura e convencer Israel a não retaliar com armas

ARTIGO

**Thomas L. Friedman**  
The New York Times  
É colunista e ganhador  
de três prêmios Pulitzer

Seria fácil ficar deslumbrado com a maneira como as Forças Armadas israelenses, americanas e de outros aliados abateram praticamente todos os drones, mísseis de cruzeiro e mísseis balísticos iranianos lançados contra Israel no sábado e concluir que o Irã havia conseguido seu objetivo – retaliar Israel pela ação que matou um militar que agia contra Israel na Síria – e agora podemos encerrar o assunto.

Isso seria uma perigosa – e errada – interpretação do que acabou de acontecer, e um grande erro geopolítico do Ocidente e do mundo em geral.

Agora é necessária uma iniciativa global em massa e sustentada para isolar o Irã, não apenas para impedi-lo de tentar tal aventura novamente, mas também para dar motivos a Israel para não retaliar militarmente de forma automática. Essa resposta também seria um erro grave. O Irã tem uma rede regional, e Israel precisa de uma aliança regional, juntamente com os Estados Unidos, para dissuadi-lo no longo prazo.

Portanto, é necessário que haja grandes consequências diplomáticas e econômicas para o Irã, com países como a China finalmente se mobilizando: quando Teerã disparou todos aqueles drones e mísseis, não podia saber que eles seriam interceptados. Alguns foram abatidos sobre Jerusalém. Um míssil poderia ter atingido a Mesquita de Al-Aqsa, um dos santuários mais sagrados do Islã (é possível ver fotos online de foguetes iranianos sendo interceptados nos céus bem acima da mesquita). Outro poderia ter atingido o Parlamento israelense ou um prédio de apartamentos altos, causando um grande número de vítimas.

Em outras palavras, estamos falando de uma escalada sem precedentes da “guerra nas sombras” entre Irã e Israel, que vem ocorrendo há muito tempo e é bem conhecida, limitada quase exclusivamente a ataques israelenses direcionados



**Iranianos com maquete de míssil em Teerã; apoio a ataque a Israel**

contra unidades da Guarda Revolucionária Islâmica no Líbano e na Síria – onde elas não deveriam estar – e o Irã retaliaria fazendo com que sua milícia libanesa, o Hezbollah, dispare foguetes contra Israel. Também vimos o Irã contrabandando armas e explosivos da Síria para a Jordânia, Gaza e Cisjordânia para serem usados para matar israelenses e desestabilizar a Jordânia – e o Mossad assassinando um cientista nuclear dentro do Irã.

**INEDITISMO.** Mas Israel nunca lançou um ataque de mísseis diretamente contra o Irã, e o Irã também nunca havia feito isso contra Israel antes. Na verdade, nenhum país havia atacado o Israel diretamente desde que o Iraque de Saddam Hussein o fez com mísseis Scud há 33 anos. Sem uma iniciativa global liderada pelos EUA para impor sanções ao Irã e isolá-lo ainda mais no cenário mundial, o comportamento de Teerã seria tacitamente normalizado, e nesse caso, Israel provavelmente retaliará da mesma forma e estaremos a caminho de uma grande guerra no Oriente Médio e de um petróleo a US\$ 250 por barril.

“A alternativa para uma guerra regional mais ampla e em grande escala, que não queremos e que Israel não quer, não pode ser um retorno ao status quo anterior”, me disse Nader Mousavizadeh, fundador e diretor executivo da empresa de consultoria geopolítica Macro Advisory Partners e consultor sênior de Kofi Annan quando ele era secretário-geral da ONU. Um esforço global para isolar o Irã, acrescentou Mousavizadeh, “é a melhor maneira de separar o regime de seu

povo, garantir a segurança de Israel e dos israelenses e eliminar a necessidade de uma nova escalada militar regional, que seria um presente para o Irã e seus representantes”.

Essa também é a melhor maneira de garantir que o primeiro-ministro de Israel, Benjamin Netanyahu, não arraste os Estados Unidos para uma guerra regional a fim de reforçar sua própria base política em ruínas.

É impossível exagerar as implicações político-militares do que acabou de acontecer. Logo após o ataque com mísseis, o presidente do Irã, Ebrahim Raisi, emitiu uma declaração afirmando que o Corpo de Guardas Revolucionários Islâmicos havia “dado uma lição ao inimigo sionista”. Com certeza foi, mas pode não ser a que Raisi pensa.

O Irã acabou de revelar involuntariamente ao mundo inteiro que o governo iraniano é tão penetrado pelas agências de espionagem ocidentais (porque muitos iranianos odeiam seu próprio governo) que o presidente Biden foi capaz de pre-

**É impossível exagerar as implicações político-militares do ataque do Irã a Israel**

ver quase a hora exata do ataque com mais de um dia de antecedência, e mostrou ao mundo inteiro que Israel e seus aliados ocidentais têm capacidades antimísseis muito superiores às do Irã.

Como escreveu o veterano correspondente militar do *Haaretz*, Amos Harel, no domingo: estamos falando de “uma conquista sem precedentes na história das guerras de Israel – embora com alguma ajuda de amigos – que em grande parte tira a principal carta do Irã e do eixo: drones e mísseis”. As impressionantes interceptações do sistema Arrow atraíram a maior parte da atenção, mas os pilotos israelenses e americanos derrubaram centenas de mísseis de cruzeiro e drones”.

É de se supor que o Irã e seus representantes devem estar desapontados e ansiosos com essa reviravolta. Como acrescentou Harel: “A intenção iraniana, conforme avaliada antes do ataque, era exibir suas capacidades com um ataque a alvos militares. Uma análise das áreas onde os avisos foram emitidos sugere que o alvo poderia ter sido a base aérea de Nevatim, no sul de Israel. Parece que os iranianos planejaram destruir a base e os avançados caças F-35 estacionados lá, a joia da coroa da ajuda americana a Israel. O Irã falhou completamente”.

Em vez disso, o ataque iraniano pode ter se limitado a ferir gravemente uma menina israelense muçulmana beduína de 7 anos, atingida por estilhaços. E se a ofensiva do Irã foi tão eficaz assim, seus líderes devem estar se perguntando se suas defesas são boas – caso Israel decida retaliar. O Hezbollah deve estar se perguntando o mesmo.

Isso pode explicar por que Raisi, depois de se gabar de ter dado uma lição em Israel, pediu (implorou?) que os EUA e todos os outros “apoiadores do regime de ocupação (...) aceitem essa ação responsável e proporcional da República Islâmica do Irã” e não partam para a ofensiva contra Teerã. Mensagem para o mundo: estamos apenas enviando um pequeno tiro de advertência, não há nada com que se preocupar, vamos seguir em frente.

**PRESSÃO INTERNA.** Isso não se deve apenas ao fato de Raisi estar preocupado com sua frente externa. No início do mês, o *Haaretz* noticiou que “os torcedores de futebol iranianos no Estádio Aryamehr, em Teerã, foram convidados a observar um minuto de silêncio em homenagem aos sete membros da Guarda Revolucionária de elite do Irã, incluindo o general Mohammad Reza Zahedi, que foram mortos no ataque aéreo ao consulado do país em Damasco. Em vez disso, os es-

pectadores começaram a vaiar e a tocar buzinas em um aparente ato de protesto. Em um vídeo que circula nas mídias sociais, os torcedores podem ser vistos interrompendo ruidosamente o momento de silêncio. Em um vídeo que circulou no X, os torcedores podem ser vistos gritando: ‘Pegue essa bandeira palestina e enfie na sua b...!’”. E essa não é a primeira vez que isso acontece em jogos de futebol no Irã.

Muitos iranianos entendem que a obsessão do regime em destruir o Estado judeu não passa de uma maneira cara de desviar a atenção do público iraniano de sua repressão assassina em casa contra seu próprio povo. Como indica essa história do jogo de futebol, as pessoas estão ficando com menos medo de dizer isso em público – especialmente depois de o regime matar cerca de 750 mulheres, meninas e homens depois de uma revolta nacional explodir em 16 de setembro de 2022, após a morte de uma jovem curda, Mahsa Amini, sob custódia da polícia de moralidade do Irã. Milhares foram presos.

**INTERESSE PRÓPRIO.** Uma das razões pelas quais o Irã apoia a guerra do Hamas e prefere que Israel permaneça preso em Gaza e ocupando a Cisjordânia é que isso mantém o mundo e muitos americanos concentrados nas ações israelenses – em vez de atentos à brutal repressão contra os manifestantes democráticos no Irã e na influência imperialista do país na região, com Teerã usando representantes para controlar a política do Líbano, Síria, Iraque e Iêmen e usa esses países como bases militares para atacar Israel.

Ninguém deve pensar que o Irã é apenas um tigre de papel. Teerã ainda pode lançar milhares de foguetes de curto alcance contra Israel por meio do Hezbollah, como alguns desses foguetes têm orientação de precisão, eles podem causar danos significativos à infraestrutura de Israel. O Irã também tem mísseis maiores em seu arsenal.

Ainda assim, o que aconteceu no sábado é, em última análise, um impulso significativo para o que chamo de Rede de Inclusão no Oriente Médio (países mais abertos e conectados, como Jordânia, Arábia Saudita, Bahrein, Emirados Árabes Unidos, Egito e Israel e os aliados da Otan) e um verdadeiro revés para a Rede de Resistência (os sistemas fechados e autocráticos representados pelo Irã, Hamas, Hezbollah, Houthis e as milícias xiitas do Irã no Iraque) e a Rússia.

O som dentro do Irã e da Rede de Resistência na manhã de domingo é aquele som que você ouve do GPS do seu carro depois de uma curva errada: “Recalculando, recalculando, recalculando”. ●